

Cartografias da Voz

Coletânea Poética

Performance apresentada no Festival Japão Torna-Viagem

Teatro Ribeiro Conceição · Lamego · Setembro 2025

Textos de jovens autores do Mundu Nobu

Com curadoria de Isabel Saldanha

Que nome darias á tua sombra

Vilã.

Aquela que acorda
antes de mim pela manhã,
sempre em contacto
como uma siamese irmã,
Sempre a perseguir o artista, talvez uma fã.

Mas quando a luz do dia enegrece,
ela desaparece.
No instante em que mais precisaria,
me entristece,
partindo como por rebelia
e exigindo que esclarecesse.

E quando estou iluminado, ela volta,
como se nada tivesse passado,
dançando e rebolando
à medida que o corpo é movimentado,
numa orgia de euforia que me obriga
a esquecer o passado,
um momento libertador e asfixiante,
ilusório por mim criado.

Amando a ideia perversa de te sacrificares por mim,
o teu conforto e o teu bem-estar que numa nuvem eu li.
Essa que passava quando de novo decidiste me deixar,
nunca compreendi,
pois nunca me permiti acreditar que tu vives também por ti.

Quando o sol brilha, acompanhas as minhas passadas.
Passeamos em campos e praias que amamos,
de mãos quase dadas.
Mas quando as luzes partem, partes com elas.
Acabo sem entender se és minha amante
ou se só existe entre nós romance à luz das velas.

Kapa

Velas, Belas

Que as luzes que acendem elas.

As rainhas da terra de Marte e Júpiter, provenientes da terra da canela.

Que velas são essas? Ah, senhoras belas!

Ai! Belas são elas. Belas são elas.

Mexam em nós mas não mexam com elas.

Mães, filhos e filhas de todas elas.

Filhos das mães da terra que provêm do café e da canela.

Ai! E o sabor da terra.

E é nos barcos que eu carrego as velas,

nos barcos e nos navios que andam pelos horizontes e marés,
de sombras violenta.

Ai, quem me dera ser...

quem me dera ser...

Quem me dera ser o bem da terra

Quem me dera ser um rato dela e não ter de andar no esgoto.

E eu sinto desgosto a cada passo que dou nessa terra faminta.

Ai! Nessa terra faminta.

Que os anjos passem e caiam sobre nós.

Que deixem as bênçãos nesse mundo distorcido.

De velas acesas e cortinas queimadas ...

Ai, quem me dera ser ...

Edgar

*O coração, esse traço de chama,
nunca pede licença ao pensar.
Vai onde dói, vai onde ama,
e não precisa de ninguém para mandar.*

*Ele tropeça, insiste, não mede,
teima em ficar mesmo ao naufragar.
É dono de mim, mas não me cede —
só vive para se deixar levar.*

*É um riso roubado ao fim da tarde,
um olhar que diz tudo sem falar.
É o tempo que para, mesmo que tarde,
quando alguém escolhe ficar.*

*Um dia é eterno quando, em segredo,
se guarda no peito como oração.
Não vive no relógio nem no medo,
vive inteiro dentro do coração.*

*Em mim viviam sombras e sorrisos,
crianças de olhos feitos de luar,
aves que cantavam sonhos indecisos,
e amores que nunca quiseram acabar.
Montanhas guardavam segredos antigos,
mares contavam histórias sem fim,
e os ventos levavam abraços perdidos
de quem escolheu ficar dentro de mim.*

Melvin

Quem és tu no meio de um poema?

Dentro de mim uma comoção
Amores, louvores, dores, epifanias de depressão
Aqueles zumbidos perfumados que vendem a visão
Sabem a contacto, e que me ensinam quem sou...

Sou o ombro amigo de um amigo
Que percebe e intercepta o perigo
Desiludido, des-iludido
Sabe bem que não é só um amigo
Ou que não é amigo

Sou o vento que se infiltra e assobia pela lacuna
Um assobio tão tóxico como o daquele que fuma
O que cala o berro bradado pela runa
E então passa pela flauta e ela que una a lacuna

Sou a fome do faminto e do farto
A que domina da baleia ao rato da águia ao lagarto
Desde o segundo final ao dia do parto
Que permite bufar tu estando farto

Sou a corda que une e conecta
Aquele que dá à vida o sabor, o néctar
A que preenche o peito, o completa
Que a relação do avô com a neta, conecta

Sou o espelho que inverte a verdade
Faz pensar como usar o amar e burlar a realidade
O verdadeiro vilão de qualquer comunidade
Permite muito mais que ver idade, a verdade

Sou tudo o que ames, tudo que temas
Posso ser o que tu quiseses
Partilho todos os mantras e todos os lemas
E serei intenso

...

mas nunca eterno.

KAPA

Vou queimar esse mundo lhe colocar num cinzeiro.
Tanto mal e tanto ódio, conjunto de farinha nesse bolo sem ovos.
E temes as gemas das claras, que eu meto nesse mundo,
e que eu encontro e enfrento,
e não consigo lidar com esse descontento.
E eu me sinto mal nesse mundo.
Eu não consigo viver nesse imundo.
Que mundo é esse?
Mal, ódio, rancor,
tudo no coração de uma pessoa sem amor.
Liricamente eu expresso aquilo que eu sinto
e eu carrego com suor.
Liricamente eu falo tudo que a minha alma carrega
sem amor.
Liricamente eu consigo ver o teu interior.
Não brincas comigo,
eu tenho o poder do amor e do rancor.
Baralho-te como se fossem cartas de joker.
Atenção: Amor.
Sem fim. Amor.

EDGAR

Amor, a lua, o luar não deixes que o vento nos leve,
Aqui falamos línguas que não nos falam,
Vestimos roupas que nos despem da alma,
Comemos pão que não tem sabor,

E esquecemos as mãos que nos deram amor.
Dizem-nos que somos estrangeiros no chão onde correm as nossas raízes,
Mas quando voltamos, somos forasteiros na terra dos nossos avós felizes.
A lua não queima,
Mas nós queimamos,

Na luta para sermos aceites,
Na vergonha dos nossos próprios nomes (Baba, isnaba, caboco, Tchicu Té,
Adolfo, basafim Té)
Na fuga do sangue que nos fez quem somos.
África, não te esqueças dos teus filhos,

Mesmo quando esquecem de ti.

Melvin

Lembra-te da grande ofensa da mesmice,
mais forte inimiga do hábito,
aquela que anima a vida do prático,
o favorito exercício do matemático,

aproxima-se esgueirando-se na surdina,
na sombra do luar ou na corada manhã mais límpida,
aparece na altura que ninguém imagina,
a inesperada e odiádia negra menina,

importa a escuridão, a névoa,
nunca alguma vez declarou trégua,
de pessoas a continentes não encontras gentes
que não rouam os dentes quando oferecida é a égua,

aparece do nada em forma de cilada,
uma peça de ferro bordada,
uma divergência totalmente ligada,
uma invenção antiga por mim criada,

ela é mimada, faz o que quer
e quando lhe apetece,
rouba o chupa da infantil vida
onde aparece ...

Kapa

VIDA

... Onde nasce a vida?
Dizem que vim de lá, da minha própria vida.
Onde nasce o sol?
Onde nasce tudo?
Sou filho do intervalo do mundo

Vim de lá , do mar,
vim do fundo, das profundezas.
Do barro, Reis e rainhas vêm de lá
Vim da terra do nada.
Sou o sol que rompe até a estrada.
Ergues as armas que lutam contra ti.
As mesmas Armas que te levam ao inferno.
Eu abro as portas e os portais
que te fazem sair do cristianismo.
E acredita se saíres dele as tuas crenças serão engolidas pelo abismo
Entende: eu vivo dentro dessa fé desse sismo.

Deixa-me crescer,
deixa-me voar,
mas nunca entrar no abismo.
Sou filho daquele que luta pelo amor e contra a arma,
mas nunca pelo sangue.
Fui sedento de sangue,
fui sedento de sangue,
sou sedento de sangue.
Vivemos num mundo de sangue
onde já ninguém dorme.
E todos são vampiros.

Pensei em partir num instante.
Mas Cala-te, peito.
Cobre, cobre me de calma.
Acalma o teu ar, acalma o teu cérebro.
Acalma o sol que te faz amanhecer.

ACORDA e DESPERTA

Por favor, por favor, eu peço.

Parem de lutar.
Larguem as armas.
Deixem, deixem, as almas.
Parem de lutar e larguem as armas.
Vivemos num mundo de trevas.
Vamos esconder-nos.
Hoje, vamos esconder-nos.

PODEM ME JULGARR... CABOCO

Podem me julgar

Edgar

Sou tão preto como o universo antes da luz,
Mistério, raiz, silêncio que conduz.
Me chamam de fantasma nas fotos que tiro,
Mas é que brilho mais no escuro onde respiro.
Não sou ausência, sou presença forte, sou história viva, sou parte do norte.
Quanto mais escuro, mais luz em mim,
Sou orgulho na pele, começo, meio e fim.
Não quero ser visto, quero ser sentido, sou sombra que fala, sou sonho
vivido.
Me chamam de sombra e tudo bem,
Só existe sombra onde há luz também.
Preto fantasma.

Melvin